



**República de Moçambique**

**PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA**

***INTERVENÇÃO DE***  
**SUA EXCELÊNCIA – PRESIDENTE DA REPÚBLICA**

**Por ocasião da cerimónia de inauguração do**  
**Museu dos Portos e Caminhos de Ferro de**  
**Moçambique**

**Maputo, 11 de Junho de 2015**

**Senhores Membros do Conselho de Ministros,**

**Senhor Presidente do Conselho de Administração dos CFM,**

**Senhores Membros do Corpo Diplomático,**

**Caros Convidados,**

**Minhas Senhoras e meus Senhores.**

É com imensa emoção e satisfação que me associo à inauguração do Museu dos Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique, local de história dos ferro-portuários moçambicanos, e não só.

Enquanto fazíamos a visita guiada, fui conversando e revendo rostos de amigos e companheiros afeiçoados a esta casa, hoje renovada para assinalar este momento culminante de um projecto de recuperação, preservação e gestão do vastíssimo património histórico que, como podemos ver, constitui colecções de importância nacional.

Neste lugar, hoje Museológico, narra-se o dia-a-dia dos maquinistas, fogueiros, condutores, factores, capatazes, assentadores de via, revisores, dos mecânicos, serralheiros, conferentes de carga, dos cobradores, operadores de máquinas, enfim de todos aqueles que tornaram possível a existência e sobrevivência desta centenária empresa moçambicana - **os Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique.**

**Minhas Senhoras,**

**Meus Senhores;**

A história dos CFM é a história de heroicidade dos trabalhadores moçambicanos; daqueles que faziam comboios enfrentando a morte, dos muitos maquinistas que saíram para trabalhar e não mais voltaram à casa, de outros tantos que foram feridos, mas o seu sentido de patriotismo não permitiu que a empresa parasse.

São muitos os ferroviários que deram a sua vida e a sua saúde, para que esta empresa não morresse. Hoje nos lembramos da admirável nobreza destes Homens e os homenageamos, com a vénia devida.

Os CFM não são apenas uma base logística para o escoamento de carga e para o trânsito e a mobilidade de pessoas e bens. Constituem um património de valores no contexto da história dos moçambicanos.

Os Caminhos de Ferro são uma verdadeira escola de cidadania e de patriotismo. A dimensão social desta empresa é extraordinária. A sua influência é imensa e ultrapassa as suas linhas e os seus portos.

Ela é um repositório de diversas profissões e por ela transitaram grandes profissionais: nas Oficinas Gerais, na Tração, nas Manobras, na Via, no Movimento, nas Estações, nos terminais portuários, nos armazéns e mais.

Os Caminhos de Ferro de Moçambique sempre foram, são e serão uma escola de operários de grande valia, mas também de engenheiros: uma escola onde sempre se cultivaram os nobres valores das profissões, do saber fazer, uma escola de trabalho colectivo.

Muitos dos seus profissionais são detentores de um conhecimento empírico único. E nos caminhos de ferro, nos portos ninguém faz nada sozinho. Aqui consolida-se o sentido de conjunto.

Do Maquinista ao Factor, do Operário de manobras ao Capataz de Via, do Taxador Comercial ao Conferente de Carga, do Revisor de Material ao Mecânico, ao Electricista, do Assentador de Via ao Serralheiro, há um vasto campo de saberes que não se podem perder e que, pela experiência e sabedoria que encerram, devem constituir uma escola para o futuro.

**Minhas Senhoras,**

**Meus Senhores**

A história dos Caminhos de Ferro de Moçambique confunde-se com a nossa história como Povo e como Nação.

A primeira ligação ferroviária, entre a cidade de Lourenço Marques, hoje Maputo, e o Transvaal, na África do Sul, que remonta ao ano de 1895, deu corpo à vocação geo-estratégica de Moçambique, tornando-o num país provedor de serviços.

Este facto decorre da sua extraordinária vantagem comparativa, e competitiva, na relação e na ligação dos países do *interland* ao mar.

São os portos e as linhas férreas moçambicanas que permitem que estes países tenham acesso ao trânsito de mercadorias, tanto de exportação como de importação, dinamizando, por conseguinte, as suas economias e os seus processos sociais.

Foi através dos Caminhos de Ferro que, em 1930, surgiu a Camionagem Automóvel, entidade que desempenhou um papel decisivo na penetração ao interior, ligação rodoviária e no provimento dos transportes em Moçambique.

Os Caminhos de Ferro estão, ainda, na origem da indústria da aviação civil, com a criação, em meados da década de 30, do século passado, da DETA, a Divisão de Exploração dos Transportes Aéreos, de que as Linhas Aéreas de Moçambique são hoje um digno sucedâneo.

**Minhas senhoras,**

**Meus senhores**

Com o advento da nossa Independência Nacional, novos desafios se impuseram. O novo País, que emergiu da saga libertadora do seu Povo, teve que enfrentar os resquícios do colonialismo e do *Apartheid*.

Cientes da importância geo-política e geo-estratégica do nosso País, e dos sistema ferro-portuário, em particular, as acções de desestabilização protagonizadas pelo regime rodesiano e pelo *Apartheid*, tiveram consequências directas e imediatas no nosso sistema ferro-portuário.

Destruir os Caminhos de Ferro significava partir a espinha dorsal do desenvolvimento de Moçambique e o elemento-chave da nossa afirmação económica e política, social e cultural como País e como Nação.

Para atingir tal objectivo, várias foram as tácticas usadas, desde a sabotagem sistemática das linhas férreas, o boicote às nossas ferrovias, a política de *dumping*, entre outras. Porém, a tenacidade dos ferroviários que se juntou ao seu Povo, não permitiu que tais objectivos fossem alcançados.

Muito antes do fim da guerra, os Caminhos de Ferro de Moçambique, iniciaram a reabilitação de vias destruídas e a transformação e modernização dos seus portos. Assim foi na Linha do Norte, ainda na década 80 e o mesmo aconteceu no Porto da Beira e na Linha do Limpopo, nos anos 90.

Hoje vivemos um novo contexto. A empresa e o sector empreenderam uma transformação estrutural, onde operadores privados, nacionais e estrangeiros, dão a sua participação ao sistema.

Existe uma nova dinâmica, impulsionada pelo contexto de um país que cresce em termos económicos e que se agiganta perante os desafios do futuro. Existe uma extraordinária história que tem que ser contada e retratada. Um passado que nos honra e enobrece.

Esse é um capital simbólico que é preciso manter sempre vivo. Temos que projectar o manancial de conhecimento e sabedoria que esta empresa tem, e representa, para o futuro.

**Minhas senhoras,**

**Meus senhores.**

O Museu dos Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique, que hoje inauguramos, como um dos dispositivos da inclusão social e de cidadania, simboliza um marco que se distingue na história e trajetória pioneiras.

É um testemunho de apreço e dedicação de todos aqueles que ao longo do tempo criaram e desenvolveram esta instituição, que é hoje uma marca, de dimensão internacional.

Este Museu é o depositário de uma das mais nobres histórias do nosso País.

A sua inauguração em pleno mês das comemorações do quadragésimo aniversário da nossa independência nos orgulha, nos motiva e reforça o nosso sentimento de amor à Pátria cimentando os valores da “*Unidade Nacional, Paz e Progresso*”, que constituem o lema desta comemoração.

Em 40 anos de Independência Nacional, fomos construindo a Nação através das ferrovias que nos ligam de lés a lés. Referimo-nos as linhas de Ressano, Limpopo, Goba, os ramais da Machava e Salamanga; as linhas de Xinavane e Marracuene; as antigas linhas de Xai-Xai e de Inhambane; as linhas de Machipanda ou de Sena, a linha de Quelimane - Mocuba; ou as Linhas do Norte, do antigo ramal do Lumbo, a linha de Nacala a Lichinga. O ramal de entre-Lagos, mas também os estratégicos portos de Nacala, Beira e Maputo, os portos de Mocímboa da Praia, Pemba, Quelimane, Angoche, Inhambane, entre outras.

**Minhas Senhoras,  
Meus Senhores;**

Como podemos testemunhar, neste Museu não está apenas depositado o espólio material dos CFM, mas também mora a sua história humana.

Os valores da convivência pacífica e harmoniosa e da solidariedade social mostram-se vividos como uma cultura colectiva, a cultura de todos os moçambicanos.

Os CFM tem um legado importante. Este Museu deve preservá-lo e enriquecê-lo para o futuro. Deve fazê-lo através do seu vasto espólio, da história viva narrada pelos seus trabalhadores, do estudo contínuo e metódico, e através das publicações que elevem o seu nome e dignifiquem esta trajectória exemplar.

Aqui conserva-se o testemunho material e imaterial da vida da empresa e do percurso desta, ao longo de 120 anos.

**Minhas Senhoras,  
Meus Senhores;**

Como é do conhecimento de todos, ou quase todos os presentes nesta cerimónia, foi nos Caminhos de Ferro de Moçambique onde iniciei a minha trajectória profissional e me forjei como profissional atento e sempre disponível ao trabalho com dedicação.

Não posso, por isso, deixar de recordar com verdadeira saudade e emoção, as imagens, as conversas, os sonhos e, também, os desencantos com todos aqueles com que aqui convivi, aos quais muito devo na construção do Homem que hoje sou. Confesso, tenho saudades dos bons momentos na linha ou no porto.

Felicito a todos os que tornaram possível esta obra, pois ela reúne condições para se tornar num verdadeiro centro de difusão e conhecimento de uma arte que deverá continuar a desenvolver-se e a contribuir para a educação patriótica dos cidadãos.

Que a história continue a acontecer nos Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique e seja sempre presenciada e sirva de referência.

Para terminar, agradecemos a honra que nos concederam de voltar a nossa casa, e a presença de todos, na esperança que façam deste Museu um instrumento de preservação da nossa História.

Com estas palavras, tenho a honra de declarar oficialmente inaugurado o Museu dos Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique.

Pela atenção dispensada, **MUITO OBRIGADO!**